

**O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E A SUA IMPORTÂNCIA NO  
ENSINO DE HISTÓRIA**

Luciano Oliveira Silva

Mestrando em História - Universidade Federal de Goiás. Bolsa FAPEG de financiamento  
[lucianosilva.historia@gmail.com](mailto:lucianosilva.historia@gmail.com)

158

**RESUMO:** Essa comunicação tem por objetivo, demonstrar a importância da compreensão do conceito de consciência histórica no ensino de história, haja vista, que é possível observar em sala de aula, que os alunos possuem muita dificuldade em trabalhar com conceitos e categorias históricas. Portanto, o desafio é traçar possibilidades e estratégias de ensino para que os alunos se tornem capazes de compreender e relacionar esses conceitos, estabelecendo relações e conexões que o capacite para melhor compreender os conteúdos que lhes são apresentados. Para tanto utilizarei o conceito de consciência histórica como demonstração de possibilidades do uso dos conceitos e categorias históricas em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência histórica, ensino, história.

**ABSTRACT:** This communication has for object, to demonstrate the importance of the understanding the notion of historical consciousness when teaching History as a subject, considering, that is possible to observe in the classroom, the fact that the students have difficulties when working with concepts of historic categories. Therefore, the challenge is to outline teaching possibilities and strategies so that the students can become capable to know and to relate these concepts, establishing links and connections that better support them with the thought of historical consciousness as a demonstration of possibilities to use the historical concepts and categories within the classroom.

**KEYWORDS:** Historical Consciousness, teaching, History.

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a importância da compreensão, bem como da utilização do conceito de consciência histórica no ensino de história, assim como da inserção de questões que são intrínsecas ao conhecer historicamente, mas que, porém, são pouco ou quase nunca abordadas no ensino de história em sala de aula. Haja vista, que diante da quantidade de conteúdo, as diferentes adversidades, falta de formação, baixos salários e estrutura, dentre outras inúmeras situações vivenciadas pelos professores no ensino de história, suas abordagens são geralmente relegadas a “segundo plano” ou a um “quase esquecimento”.

Percebe-se assim, que a dinâmica do ensino de história, para alunos do ensino médio e fundamental em sua grande maioria, ainda está mais voltada para cumprir metas e conteúdos programáticos, advindos de políticas de ensino ligados a concepções tradicionais de

ensinar, que propriamente o conhecimento histórico em si. Porém, não cabe aqui aprofundarmos essa discussão, pois, esta reserva assunto para uma outra pesquisa, mais bem elaborada. Cabe aqui, contudo, refletir sobre as possibilidades e configurações do uso do conceito de consciência histórica dentro do ensino de história em sala de aula. Ou seja, a utilização desse conceito como uma das possibilidades e ferramentas de mudanças qualitativas dentro da configuração atual do ensino de história.

A intenção pretendida, portanto, é que algumas questões referentes diretamente à consciência histórica, não deixem de ser trabalhadas e constantemente reelaboradas por aqueles que ensinam história. Questões bem como, por exemplo, “por que estudamos história?”, “o que é a história?” ou “para o que serve a história?” Perguntas que não possuem consenso ou muito menos uma resposta acabada, porém, são perguntas que estão presentes na vida e no cotidiano do aluno e que os professores de história geralmente pouco, ou quase nunca se voltam para elas.

Entendemos, assim, que a compreensão do conceito de consciência histórica é fundamental para que ocorra um avanço na aprendizagem dos alunos. (Não é trabalhar o conceito isolado, mas relacioná-lo dentro do conteúdo ensinado). Pois, o que vale salientar é que a partir da abordagem de perguntas dessa natureza, que a disciplina histórica se torna mais interessante, intrigante e próxima da realidade dos alunos.

Geralmente o argumento utilizado para não desenvolver esse assunto, por grande maioria dos professores é o de que os alunos não possuem maturidade para serem inseridos em tais discussões, ou justificando que essas são discussões próprias da academia, dos pesquisadores ou fazem parte da ontologia<sup>1</sup> da história, que não cabe ser questionada em um ambiente de sala de aula, com alunos do ensino médio e fundamental. Mas enfim, a pergunta é, se os alunos não forem inseridos nessas discussões enquanto tal, quando serão? Haja vista, que nem todos, ou melhor dizendo, sua maioria não se tornará historiador? Ou mesmo muitos deles nem chegarão a frequentar um curso superior.

Sobre tal assunto um grupo de professores da Universidade Federal do Paraná-UFPR, estudiosos do assunto sobre as questões relativas à consciência histórica relacionada ao

---

<sup>1</sup> Ontologia (do grego *ontos* "ente" e *logoi*, "ciência do ser") é a parte da metafísica que trata da natureza, realidade e existência dos entes. A ontologia trata do *ser enquanto ser*, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres. A aparição do termo data do século XVII, e corresponde a divisão que Christian Wolff realizou quanto a metafísica, seccionando-a em metafísica geral (ontologia) e as especiais (Cosmologia Racional, Psicologia Racional e Teologia Racional). Embora haja uma especificação quanto ao uso do termo, a filosofia Contemporânea entende que Metafísica e Ontologia são, na maior parte das vezes, sinônimos, muito embora a metafísica seja o estudo do ser e dos seus princípios gerais e primeiros, sendo portanto, mais ampla que o escopo da ontologia.

ensino de história, nos dizem, que para além das preocupações já estabelecidas em relação ao ensino de história, juntou-se, recentemente, a de se indagar, também, quais os “usos” que os alunos fazem da história em termos de sua orientação temporal Shmidt, Barca, Garcia, (2010) Bem como que “o interesse atribuído a esta problemática tem a ver essencialmente, com a preocupação sobre “para que serve aprender história?”.

Portanto a importância dessas pesquisas em torno dessa relação entre o ensino de história e a questão da constituição da consciência histórica feita principalmente por esses pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, nos leva justamente à conclusão de que precisamos investir nesse tema. Não apenas nas pesquisas acadêmicas em si, mas, sobretudo, em seus desdobramentos e sua utilização em sala de aula. Pois, a importância da compreensão do conceito de consciência histórica se faz presente justamente, quando podemos nos deslocar, dos conteúdos puros e simplesmente, para questões de maior profundidade e que conseqüentemente passe a fazer maior significado ao aluno, sem que contudo, deixemos de trabalhar os conteúdos previamente estabelecidos na matriz curricular de ensino.

Segundo Rüsen sobre essas questões relativas ao ensino de história, ele nos aponta:

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendiz e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana. (2001, p.44)

O que observamos no dia-a-dia do ensino, ai cabe uma ressalva, não apenas no ensino de história, mas uma constante em praticamente todas as disciplinas é um amontado de informações desconexas, sendo ministradas aos alunos sem maiores contextualizações e relações com a práxis, geralmente tendo como consequência, o desinteresse do aluno.

Assim, sobre a definição do conceito de consciência histórica, Rüsen nos diz que,

É o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana [...] A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções e agir conforme com a experiência do tempo. Esse trabalho é efetuado na forma de interpretações das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida. (RÜSEN, 2001 p. 59).

A proposta, portanto, é pensar e refletir esse conceito didaticamente com os alunos em comunhão com os conteúdos “tradicionais” já preestabelecidos no currículo escolar, o que nos encaminha invariavelmente para as questões fundamentais em torno da história, tais como

“por que estudamos história?”, “o que é a história?” ou “para que serve a história?”, fazendo com que estas questões não sejam trabalhadas isoladamente ou apenas no campo teórico. Mas que o professor consiga tangenciar uma ponta à outra, estabelecendo maior significado ao ensino. Pois se o aluno tem a oportunidade de fazer reflexões dessa natureza, ou seja, se ele compreende porque pensamos historicamente e conseqüentemente quais os desdobramentos desse pensar. Ele conseqüentemente terá uma maior capacidade de aprendizagem dos conteúdos a ele ministrados.

Sobre o conceito Rüsen (2001, p. 59) ainda diz que, “são as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica”. E ainda completa dizendo que estas são fenômenos comuns ao pensamento histórico tanto no modo científico quanto em geral, tal como operado por todo e qualquer homem, e geram determinados resultados cognitivos Rüsen (2001). O pensar histórico é, portanto, um dado antropológico, encontrado em qualquer comunidade humana, pois é uma necessidade intrínseca à vida humana, os homens necessitam de se orientar diante das mudanças do tempo, para se “localizarem” e se “estabilizarem” enquanto indivíduos e seres que vivem em sociedade. Essa é uma questão de identidade, de sabermos quem somos e quem queremos ser, na dinâmica das relações sociais imersas no tempo.

Em comunhão com esta conceitualização proposta por Rüsen temos uma conceitualização desenvolvida por Ernest Heller o que nos possibilita ir além à compreensão do que seja a consciência histórica, segundo o autor:

Inerente ao estar humano no mundo (desde a percepção da historicidade de si mesmo, que se enraíza na ideia de que alguém estava aqui e não está mais, e que eu estou aqui mas não estarei mais um dia) e é composta de diversos estágios, que vão desde o momento em que um dado grupo cria normas de convivência, substituindo com elas os instintos – em que o sistema mítico do grupo legitima-o e significa, para ele, a origem do universo, e em que o grupo é identificado à humanidade – até o momento em que num dado grupo, após se ter tomado consciência de que a humanidade transcende-o, concebe-se o mundo como histórico (no sentido de construção humana, desconectada de quaisquer fatores metafísicos) relativizando a própria cultura a partir de outras. Pensar historicamente é um fenômeno antes de mais nada cotidiano e inerente à condição humana, com o que pode-se inferir que o pensamento histórico vinculado a uma prática disciplinar no âmbito do conhecimento acadêmico não é uma forma qualitativamente diferente de focar a humanidade no tempo, mas sim uma perspectiva mais complexa e especializada de uma atitude que, na origem, é cotidiana e inseparavelmente ligada ao fato de estar no mundo. A base do pensamento histórico, portanto, antes de ser cultural ou opcional, é natural: nascimento, vida, morte, juventude, velhice, são as balizas que oferecem aos seres humanos a noção do tempo e de sua passagem. (HELLER, 1993 apud CERRI, 2001, p.99)

É perceptível identificar que assim como Rüsen, Heller está trabalhando com questões elementares da constituição da consciência histórica, pois, estão se referenciando sempre os ciclos naturais da vida bem como da necessidade inerente ao humano de se localizar no tempo.

As consequências quando do entendimento de tais questões e sua abordagem correta em sala de aula, são alunos mais interessados e capazes de compreenderem o seu próprio “lugar” dentro do ensino e da própria história. Pois é perceptível que em na sua maioria os alunos não conseguem estabelecer relações temporais consideradas elementares. Percebemos, portanto, que pensar historicamente não é privilégio apenas de uma ou outra cultura humana mas que é um dado antropológico, presente em todas e qualquer cultura humana, pois é através desse pensar que constituímos a identidade humana, o que modifica é a forma como essa é constituída. Levar o aluno essa reflexão o faz se localizar dentro do próprio ensino de história.

Essa capacidade reflexiva de ir além dos conteúdos em direção a assuntos de maior profundidade, faz com que ocorra por parte do aluno um processo de desnaturalização da própria história. Onde tudo parecia desconexo passa a fazer sentido, pois ele consegue de uma maneira especializada se localizar temporalmente. Assim o aluno pode refletir sobre a Ideologia dominante na sociedade de naturalizar a realidade existente como a única possível. Tendo como consequência alunos bem mais ativos e capazes de fazer relações e conexões que extrapolem a repetição exaustiva de conteúdo.

Assim, se há motivos que levam o homem a voltar o seu olhar para o passado é esse, sobretudo, justificado pela questão de “sentido” Rüsen (2001). E esse sentido é dado através da consciência histórica, pois, “o sentido não se constitui (pelo menos não em primeira linha), pois na racionalidade teleológica do agir humano, mas sim, por contraste com o que poderíamos chamar de racionalidade de sentido”. (RÜSEN, p. 59, 2001). Pois o homem diante das mudanças de si mesmo e de seu mundo se sente na necessidade de estabelecer um quadro interpretativo de tais mudanças, para justamente se orientar no fluxo do tempo e realizar as intenções do seu agir:

A resistência dos homens à perda de si e seu esforço de auto-afirmação constituem-se como identidade mediante representações de continuidade, com as quais relacionam as experiências do tempo com as intenções no tempo: a medida da plausibilidade e da consistência dessa relação, ou seja, o critério de sentido para constituição de representações abrangentes da continuidade é a permanência de si mesmos na evolução do tempo. A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana. (RÜSEN, 2001, p.66)

Pois só assim podemos falar de emancipação humana. Ou estaremos em sala de apenas para repassar os conteúdos previamente estabelecidos. Nesse sentido a história passaria de um mero amontado de informações, datas, nomes e eventos desconexos, para conferir transformação

Outro aspecto a se destacar nesse processo é que a própria disciplina história (historiografia) ela tem avançado em seus debates e conseqüentemente a didática da história tem sido por essa influenciada, haja vista, que com o advento das novas correntes historiográficas, profundas mudanças tem alterado os rumos dessa disciplina. Como nos diz Lorene dos Santos em seu livro “O ensino de história e a identidade sócio-histórica”,

Essas mudanças ocorrem principalmente com o advento da História Cultural, História Social Inglesa, discutindo e trabalhando temas como o cotidiano, as mentalidades, a história das mulheres, das doenças, da alimentação, a chamada “História vista por baixo” na qual se abre a possibilidade de um sistema de ensino, mais rico, plural, multifocal e abrangente da compreensão histórica principalmente sob a ótica dos oprimidos. (SANTOS, 1997, p. 32)

Ou seja, é a possibilidade de levar o aluno a pensar e se repensar a partir de seu cotidiano e das suas experiências, estabelecendo relações e diálogos entre o “seu” mundo e o conhecimento disponível e a ele apresentado, utilizando-se assim, das possibilidades criadas por essas novas formas de se pesquisar e aprender história. Por isso, o entendimento do conceito de consciência histórica se faz importante nesse contexto, pois é a partir da compreensão de conceitos como este que se abrem as possibilidades para tratarmos de questões e as relacionarmos como os conteúdos aplicados em sala de aula.

Porém a adequação dessa nova realidade para o ensino, ainda tem se mostrado pouco eficaz, haja vista, que estudos e pesquisas tem mostrado poucos avanços no ensino de história, assim os métodos tradicionais e conteudistas ainda vigoram na maioria das escolas brasileiras. Segundo Ubiratam Rocha em seu livro “*Reconstruindo a história a partir do imaginário do aluno*” ele nos propõe a seguinte reflexão:

Não se pode, dissociar o professor do espaço onde exerce suas atividades. Tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino fundamental e médio, observa-se a predominância de atitudes conservadoras em relação à história e seu ensino”. Assim, pela insistência na repetição dos mesmos conteúdos e formas de transmiti-los se produziu um modelo escolar de História, difícil de ser superado. As inovações produzidas no conhecimento histórico que poderiam assim contribuir para oxigenar a prática docente, encontra uma barreira constituída juntamente, com esse modelo tradicionalmente aceito como sendo a “História”. (ROCHA, 1996)

Assim, mais importante é que o professor se acostume a problematizar o conteúdo porque cria condições para um aluno pensar sobre ele, argumentar e fundamentar suas opiniões. A problematização sempre exige que o aluno pesquise, levante hipóteses, classifique-as e passe a um processo de comprovação ou rejeição com argumentos da hipótese escolhida. Para isso é necessário que o aluno seja levado a contextualizar sua existência, a compreensão do aluno, que existe uma temporalidade em que ele está imerso é de fundamental importância para que esse se sinta inserido não só nas discussões em sala de aula como para que ele se sinta pertencente à própria história. Essa que esse geralmente se senti distante e deslocado.

Portanto, utilizando-se dessas novas possibilidades de se produzir e conhecer historicamente, trazemos para o seio da discussão as questões já postas dentro da disciplina história, mas pouco discutidas e efetivamente utilizadas dentro de sistema de ensino fundamental e médio. Mas que são necessárias e indispensáveis para a melhoria da qualidade do ensino de história e que podem trazer resultados positivos e surpreendentes, transformando o ensino em possibilidade de mudança e criação de novas possibilidades e não mero espaço de reprodução do já existente.

#### Referências

SANTOS, Lorene dos. *O Ensino da História e a Identidade Sóciohistórica: Alternativas Pedagógicas*. Dois Pontos, Belo Horizonte, 1997.

ROCHA, Ubiratan. 1996. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (Org.). *Repensando o ensino de História*. São Paulo: Cortez.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA Isabel, MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba. Ed. UFPR, 2010.

RÜSEN, Jorn. Trad. Estevão de Rezende Martins. *Razão histórica: teoria da história fundamentos da ciência histórica*. Brasília, UNB, 2001.